

ARTIGOS

A PRIMEIRA VERSÃO DA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DOS PRINCIPAIS SUCESSOS POLÍTICOS DO IMPÉRIO DO BRASIL, DO VISCONDE DE CAIRÚ.

O primeiro trabalho entre nós redigido, relativo às fontes necessárias à elaboração de uma **História do Brasil**, foi, certamente, a **Introdução** que, destinada à sua **História dos Principais Sucessos Políticos do Império do Brasil**, em 1825 escreveu José da Silva Lisboa, depois 1.º Barão e Visconde de Cairú. Publicada no mesmo ano, em folheto de 31 páginas, trouxe anexa, em mais 10 páginas, a **Análise da nova obra na língua francesa sobre o Brasil — “O Brasil, ou História, Costumes &, dos Habitantes dêste Reino”, por Hipólito Taunay e Fernando Dinis (sic)**, conforme o exemplar pertencente à Biblioteca do Museu Imperial, de Petrópolis, mas não segundo o da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que não contém êsse acréscimo.

Trata-se, portanto, do primeiro ensaio historiográfico brasileiro, motivo pelo qual, apesar de suas naturais deficiências, como trabalho pioneiro merece atento estudo. Crescerá o seu interêsse ao verificarmos que teve o mesmo duas versões, a primeira em manuscrito do Arquivo da Família Imperial Brasileira, por sua generosa doação hoje pertencente ao Museu Imperial, onde se guarda entre os do Catálogo B, de peças não datadas, maço 11, documento 553, do “Inventário” levantado por Alberto Rangel, quando o referido Arquivo ainda se encontrava no Castelo d’Eu, em França. A segunda versão é a publicada no mesmo ano em que a anterior foi escrita, pois traz, ao fim do respectivo texto, a data de 27 de setembro de 1825. Comprova-se que aquela é do mesmo ano, porque sômente por uma portaria de 7 de janeiro, publicada no **Diário Fluminense** do dia 12, determinou D. Pedro I ao Ministro do Império, Estêvão Ribeiro de Resende, futuro Marquês de Valença, que facilitasse a José da Silva Lisboa, auxiliado por Frei Francisco de Sampaio, a elaboração de uma **História** dos “Sucessos do Brasil”.

Fazendo-se a colação entre as duas versões, vê-se que a primeira é menor que a segunda, pois não tendo aquela mais de 16 fôlhas ou 32 páginas, embora de grande formato escritas somente pela metade vertical, em sinal de respeito ao destinatário, datilografaram-se em apenas 10 páginas, para a primeira publicação adiante feita. Ao passo que a segunda ocupou 31 páginas impressas, conquanto apenas de 0,155 mm. de altura e 0,087 mm. de largura. Também daí se conclui que a primeira é anterior, tendo-a entregue ou enviado o autor ao Imperador, antes de rever, ampliar e publicar a segunda. E D. Pedro I, meticoloso como era quanto aos seus papéis, guardou-a em seu Arquivo, onde ainda se encontra.

Embora coincidam, em grande parte, os respectivos conteúdos, nota-se que nem tudo da primeira foi aproveitado na segunda. Também foi completamente mudada a ordem dos parágrafos, bastando observar que várias citações da **História do Brasil**, de Roberto Southey, que na primeira versão constituem sua conclusão, deslocaram-se para o meio do texto publicado, dando-se a êste um final completamente diferente. Igualmente, a referência à citada portaria imperial, que abre a **Introdução** impressa, somente no meio do respectivo texto é mencionada na que adiante vai pela primeira vez transcrita.

Várias são, também, as omissões e os acréscimos de parte a parte, motivo pelo qual plenamente se justifica a divulgação, anotada, da primeira versão, conforme cópia gentilmente obtida do Museu Imperial. E' o que a seguir faremos, convindo notar que, para maior clareza, muitas vezes tivemos de alterar a arbitrária pontuação do Visconde de Cairú, embora integralmente respeitando seu texto. Neste, entretanto, mantivemos muitas de suas características maiúsculas, hoje dispensáveis.

E' o seguinte o texto integral da versão manuscrita da citada **Introdução à História dos Principais Sucessos Políticos do Império do Brasil**, de José da Silva Lisboa, que em notas de pé de página (além de quatro que são do próprio Cairú), procuramos esclarecer e comentar:

INTRODUÇÃO.

A importância e necessidade de uma História Geral e Nacional de qualquer Estado Independente, é reconhecida em todo o País culto. Tem-se por isso notado a Portugal, que, só possuindo Crônicas e Memórias de seus Escritores sobre a Origem e Elevação da Monarquia Lusitana no antigo e novo Mundo, e tendo El-Rei D. João

V sido o Fundador de uma Academia de História Portugueza (1) contudo o Governo depois recomendasse a História da Nação (segundo é fama) a um Escritor Estrangeiro, o Eclesiástico **La Clede**, que efetivamente a compôs na língua francesa (2), de que no reinado d'El-Rei D. José fêz tradução o Professor de Retórica de Lisboa, Pedro José da Fonseca (3). No reinado da Senhora D. Maria I apareceu na língua inglêsa uma sucinta **História de Portugal**, composta por uma **Sociedade de Homens de Letras** em Inglaterra, que só chega ao fim do reinado d'El-Rei D. João V, e que foi traduzida por um natural do Rio de Janeiro, Antônio de Morais e Silva, autor do bem conhecido **Dicionário da Língua Portugueza**, que lhe fêz conciso suplemento sôbre o último **Tratado de Limites** (4).

O mesmo se pode notar a respeito do Brasil, não obstante que, pela Grandeza Física desta Região, e seus sucessos extraordinários das invasões de Castela, França e Holanda, tenha a rara prerrogativa de se haverem também sôbre êle escrito livros em Espanhol, Italiano, Latim, Francês e Inglês.

Até o Grande Historiador Português **João de Barros**, que foi encarregado por El-Rei D. João III da História dos Descobrimentos Marítimos de Portugal, e foi depois Donatário do Maranhão, mui diminuto se mostrou sôbre os sucessos do Brasil até o seu tempo; e por isso deu causa a tantas (que nunca mais se dissolveram) sôbre as época dos primeiros Estabelecimentos na América Meridional (5).

Gois, Osório, e outros Cronistas do Reino, deixaram a êsse respeito a posteridade em escuridão, podendo, aliás, consultar os documentos da Torre do Tombo. Mas não sucedeu assim, pela pouca

- (1). — Nota de José da Silva Lisboa: O famoso Brasileiro Alexandre de Gusmão, natural de Santos, que mereceu tanta honra e a amizade d'El-Rei D. João V pela sua eminente literatura, na Fala à Academia Real da História Portugueza diz: "Para de todos os modos engrandecer a Nação Portugueza, procura S. M. resuscitar as Memórias da Pátria da indigna escuridade em que jaziam até agora... E' a lição da História um fecundo Seminário de Heróis". — Causa espanto o ver-se que tantos literatos que entraram nesta Academia se desvelassem principalmente em orações panegíricas uns dos outros, e em estilo tão afetado e bombeiro, que só manifesta o mau gôsto do tempo. Presentemente é intolerável a lição dessas composições, impressas por Ordem Real em grossos Volumes in folio, em que quase nada há que aprender de importante ao objeto da instituição.
- (2). — N. de La Clede — *Histoire Générale du Portugal*, 8 vols. (Paris, 1735).
- (3). — Pedro José da Fonseca foi professor de retórica de José da Silva Lisboa, em Portugal.
- (4). — A *História de Portugal*, "composta em inglês por uma Sociedade de Literatos, trasladada em vulgar com as notas da edição francesa e do tradutor português Antônio de Morais da Silva, e continuada até os nossos tempos, em nova edição, por Hipólito José da Costa", saiu pela terceira vez em Londres, 1809, em 3 tomos. Morais, conforme seu Prefácio, fêz grandes acréscimos às edições de Lisboa, 1788 e 1802. Dêle são as notas ao penúltimo capítulo, sôbre o reinado de D. José I, em que corrigiu os autores inglêses, defendeu a Inquisição e omitiu a sentença aos acusados da tentativa de regicídio, por ter D. Maria I concedido graça aos parentes de alguns dos justicados de 1759. A Hipólito coube acrescentar o capítulo referente ao reinado de D. Maria, na edição londrina de 1809.
- (5). — Deve ter faltado alguma palavra depois de "tantas". Saiu êste trecho com acréscimo diferente na publicação desta Introdução, à pág. 5.

importância que se deu então à achada do Brasil, e não menos pelo Sistema de Arcano, com que o Governo resguardava os negócios e interesses do Ultramar, chegando ao excesso que refere o dito Barros na **Década IV**, Liv. 6, cap. 14, de mandar queimar a **Fusta** (Embarcação de 22 palmos) com que o grande Pilôto e Cosmógrafo Diogo Botelho, natural de Goa, se havia daí traspassado à Lisboa, para trazer a El-Rei a nova de lhe ser dada a Fortaleza de Diu; e isso para o fim de que na Europa se não soubesse, que se podia em tão pequeno Vaso navegar da Índia a Portugal (6).

Depois do Tratado de Utrecht de 1713, em que se estabeleceu, por acôrdo das Potências que tinham Possessões Ultramarinas, o exclusivo Sistema Colonial (7), foram insuperáveis os obstáculos da exploração do Brasil pelos sábios da Europa, inibidos de irem examinar o estado do País; apenas permitindo as Leis aos Estrangeiros tocar de passagem nos portos, e receberem a hospitalidade do Direito das Gentes, para concertos de avarias das Embarcações, e provimentos necessários a continuarem as viagens do destino. Por isso era impossível demorar-se o tempo preciso para satisfazer a curiosidade literária ainda algum passageiro ou mareante ansioso de investigações científicas e econômicas do interesse da Humanidade (8).

Todavia em 1805 se publicou em Londres uma pequena Obra Inglesa, com o título de — **Narrativa da Viagem ao Brasil**, de **Thomaz Lindley**, Capitão de um Navio, que foi confiscado na Bahia; sendo prêso e processado o mesmo Capitão por Contrabandista de Pau-Brasil, cujo tráfico fazia na Comarca dos Ilhéus, tendo antes navegado até a Comarca de Pôrto Seguro (9). E' notável, que estando guardado em

-
- (6). — Curiosa é essa referência de Silva Lisboa ao "Sistema de Arcano, com que o Governo resguardava os negócios e interesses do Ultramar", com o exemplo que apresenta, retirado às *Décadas* de João de Barros. (Na edição de Madri, 1615, de João Batista Lavanha, págs. 362-363, cap. intitulado: "Da notável façanha que fêz Diogo Botelho em vir da Índia a Portugal em uma fusta, por mostrar sua lealdade a El-Rei, ante quem fôra caluniado falsamente"). Trata-se da tão contestada política de segredo, que Jaime Cortesão lançaria quase um século depois da referência de Cairú, no estudo intitulado: "Do Sigillo Nacional sobre os Descobrimentos", publicado na revista *Lusitânia*, de Lisboa, fasc. I, de janeiro de 1924.
- (7). — Interessante a afirmação de Cairú, de que o sistema colonial tenha tido início nos Tratados de Utrecht, seguintes à Guerra de Sucessão de Espanha. Portugal dêles participou, celebrando um com a França, em 1713, a propósito dos limites do Brasil com a Guiana; outro com a Espanha, em 1715, assegurando a posse portugueza da Nova Colônia do Santissimo Sacramento do Rio da Prata, à margem direita dêsse estuário.
- (8). — Convém notar que a legislação contra a entrada de estrangeiros no Brasil foi mais severa durante o período de união das monarquias ibéricas, de 1580 a 1640. E' o que mostram documentos divulgados no Livro Primeiro do Governo do Brasil, em 1958 publicado pela Biblioteca do nosso Ministério das Relações Exteriores.
- (9). — Thomas Lindley — *Narrative of a Voyage to Brazil terminating in the Seizure of a British Vessel; and the imprisonment of the author an the ship's crew, by the Portuguesees. With general sketches of the country, its natural productions, colonial inhabitants, &c. And a description of the City and Provinces of St. Salvatore and Porto Seguro...*

Fortaleza, pudesse evadir-se para a Inglaterra (10), onde em vão solicitou do Ministério Inglês a interposição oficial com a Côrte Portuguesa para indenização da propriedade confiscada. Ainda que da dita Obra se mostre que o Autor não era homem de letras, manifesta-se contudo da mesma que êle era assaz curioso em inquirir sôbre coisas da provincia da Bahia, sendo em parte, verdadeiro, ainda que, em vários pontos, inexatos e malino (11).

Espero não pareça impertinente o mencionar aqui a descrição, que se acha na língua Inglesa das Viagens dos Lordes **Macarthy** (sic) e **Amerhst** (sic), em suas Embaixadas ao Imperador da China, tocando a êste pôrto do Rio de Janeiro; cuja magnificência entusiasticamente é delineada com a maior pompa de expressão pelos respectivos escritores da Derrota (12). O da primeira diz que tudo que era **obra dos homens** se achava atrasado; e o da segunda, exprimindo iguais sentimentos, ajuntou uma Estampa do alto Monte, intitulado **Corcovado**,

(10). — Nota de José da Silva Lisboa, única das quatro do original manuscrito que foi mantida na publicação desta **Introdução**: Convém na atual conjuntura bem advertir-se na declaração, que faz em ar de ingenuidade na pág. 209, dizendo, mui senhor de si, haver escapado da prisão (valha a verdade!) por auxílio de **Pedreiros-Livres** da cidade da Bahia; acrescentando que os irmãos da Ordem, que lhe deram escapula, “procederam pelos mais puros motivos de humanidade e benevolência (grandes característicos da sociedade a que tinham a honra de pertencer), assim formando forte contraste com os outros seus degenerados e ignorantes Cidadãos”. — Que moral! Os mancomunados da **Maçonaria**, sacrificando ou pervertendo a honra do Comandante da Fortaleza, subtraem à Justiça a um réu de crime evidente, que violava com devassidão a Lei do Estado, com que se sustentava uma das rendas da Corôa! Que exemplar caridade dos que protegem aos que desorganizam e desarmam a **Fôrça Pública**, tirando ao **Governo** os meios de defender o Estado e pagar aos **Empregados**!

— Depois do indignado comentário de Cairú, um dos nossos raros anti-maçons da época da Independência, convém lembrar que igualmente com auxílio da maçonaria baiana, em 1837 conseguiu fugir da prisão em que se encontrava, do mesmo soteropolitano Forte do Mar em que também esteve prêso Lindley, o revolucionário Presidente da República Riograndense, Coronel Bento Gonçalves da Silva. Note-se que o contrabandista inglês esteve primeiramente detido no Forte do Mar, conforme ordem de prisão de 28 de setembro de 1802. A 4 de dezembro foi transferido para o Forte do Barbalho, tendo a cidade por menagem. Dêle fugiu a 5 de agosto de 1803, conseguindo embarcar para a Inglaterra.

(11). — Forma antiga e popular de maligno.

(12). — “Macarthy” é o irlandês George Macartney, Conde Macartney (1737-1806), primeiro plenipotenciário da Inglaterra na China, que, indo para sua missão, em 1792 passou pelo Rio de Janeiro. Da viagem existe relato escrito por seu secretário George Staunton — **Notes of Proceedings and Occurrences during the British Embassy to Pekin** (Londres, 1824). Resumiu o trecho sôbre sua escala carioca Affonso de E. Taunay — **Rio de Janeiro de Antanho** (São Paulo, 1942), págs. 101-112.

— Amherst (não “Amerhst”), é William Pitt Amherst, Barão Amherst e Conde Amherst de Arakan (1773-1857), chefe de falhada embaixada à China em 1816, ano em que pela primeira vez passou pelo Rio de Janeiro, conforme a narrativa de sua viagem, publicada por Henry Ellis — **Journal of Proceedings of the late Embassy to China** (Londres, 1817).

que, visto do mar em certa paragem, apresenta a figura de um **Gigante deitado**, ao pé do qual o Escritor pôs a legenda: **Levanta-te** (13).

O Pôsto de Historiador do Brasil, ora se acha preocupado (14) pelo Escritor Britânico **Roberto Southey**, que completou a **História** deste País na língua Inglesa em três volumes **in folio**, publicando em Londres, a primeira parte em 1810, e a terceira parte em 1820 (15), findando a narrativa dos Sucessos do Estado em 1808, Grande Época em que El-Rei D. João VI se transportou a este Hemisfério com a sua Augusta Mãe, Família e Côrte.

Ele previne aos Leitores, que, além das conhecidas Obras sobre o Brasil, se valera de uma Coleção de Escritos impressos ou inéditos, que seu Pai diligenciara na residência por trinta anos em Portugal (16), além das comunicadas por vários amigos, e até pelo Ministro Inglês **Walpole**, que muitos anos esteve enviado da Côrte da Grã-Bretanha em Lisboa. O mesmo escritor, para constituir a sua Obra mais interessante, fazendo a edição da primeira parte, implorou socorros da República das Letras, pedindo com especialidade vários Livros raros que indicou. Na terceira parte confessa as obrigações que devia ao Conde dos Arcos, que, sendo Governador da Bahia, lhe remeteu generosamente várias Obras sobre coisas do Brasil, e uma sobre a Gramática da Língua Geral dos Indígenas, que ainda existiam na (que achou arruinada) Livraria do Colégio dos extintos jesuítas daquela cidade (17).

Depois da publicação da dita primeira parte dessa Obra, appareceu em 1815 outra **História do Brasil** em Língua Francesa, de Mr. **Affonso de Beauchamp**, antes bem conhecido na República das Letras pela sua **História da Guerra na Península** de Espanha; essa é de plano mais circunscrito; porém o Autor aí se mostra ser de melhor informação, que o seu compatriota o Pe. **Raynal**, que também escreveu sobre o Brasil na celebrada Obra sobre o **Estabelecimento dos Europeus nas duas Índias** (18). Ela termina na dita época. Em Lisboa se publicou em 1817 uma tradução de Desidério Marques Leão, que lhe fez Notas, indicando várias faltas (19).

-
- (13). — Seria o autor dessa legenda precursor dos que em nossos dias se rebelaram contra o verso inicial da segunda parte do Hino Nacional Brasileiro — “Deitado eternamente em berço esplêndido”...
- (14). — “Preocupado” aqui usado em seu sentido primitivo, de ocupado primeiramente.
- (15). — A segunda parte saiu em 1817, a terceira em 1819, não “em 1820”, reimprimindo-se a primeira, com acréscimos, em 1822. — Traduzida por Luís Joaquim de Oliveira e Castro e anotada pelo cônego J. C. Fernandes Pinheiro, appareceu em português, em 6 tomos, no Rio de Janeiro, 1862.
- (16). — Não se trata do “pai” de Southey, como, por engano, escreveu Cairú, mas de seu tio, o reverendo Herbert Hill.
- (17). — Trata-se da Gramática de Anchieta, conforme esclareceu Cairú na publicação desta **Introdução**, à pág. 12.
- (18). — Guillaume Thomas Raynal — **Histoire Philosophique et Politique des Établissemens et du Commerce des Européens dans les deux Indes**, 4 vols. e 1 Atlas (Genebra, 1780).
- (19). — Alphonse de Beauchamp — **Histoire du Brésil, depuis sa découverte en 1500 jusqu’en 1810**, 3 vols. (Paris, 1815). — Desidério Marques Leão, citado pelo Visconde de Cairú, foi apenas um dos três editôres da tradução da **História** de Beauchamp, publicada em Lisboa de 1817 a 1834,

Em obséquio da verdade, não posso deixar de dizer, que nessa **História** transluz emulação e rivalidade contra o dito **Southey**, cuja glória aliás é incontestável e inaufeável; por ter sido o primeiro que empreendeu e efetuou tão árdua e laboriosa tarefa, tirando, em muita parte, a História do Brasil do escuro labirinto em que se achava (20).

E' contudo impreterível dever confessar, que os Brasileiros têm particular razão de serem obrigadíssimos a Mr. **Beauchamp**; por também ter adquirido celebridade na recente Obra saída em Paris em 1824 com o título de **Independência do Império do Brasil apresentada aos Monarcas da Europa** (de que já dei extratos); aí se mostrou extremo Advogado da Liberal Causa do Brasil, esforçando-se em provar a justiça e conveniência política do Reconhecimento por El-Rei de Portugal da Nova Ordem Constitucional, que se estabeleceu neste Continente por ostensivo Decreto da Providência (21).

Ainda que já antes se tivesse publicado na França a Obra de Mr. **La Beaumelle**, com o título de **Império do Brasil, considerado nas relações Política e Comercial**, de que logo publicou no Rio de Janeiro a sua tradução o Pe. Luís Gonçalves dos Santos (benemérito compatriota, que se tem esmerado, com vários escritos, em defender os Brasileiros contra as aspersiones dos perturbadores públicos, lisongeiros das, ora extintas, Côrtes de Portugal) (22); contudo a primazia da Obra de Mr. **Beauchamp** é pura e esplêndida, por ter concentrado a Justificação do Governo Imperial em brilhante foco de luz, e, com magnanimidade sem protótipo, assim dirigido a voz da verdade às grandes Potências da Santa Aliança — “Monarcas Euro-

em 12 tomos ou 6 vols. de pequeno formato, conforme o n.º 5.360 do Catálogo da Exposição de História do Brasil, vol. IX dos Anais da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, 1881).

- (20). — “Dos trabalhos, fruto de muito estudo e meditação, de Southey, fêz o francês Alphonse de Beauchamp um resumo ou plágio, e ousou publicá-lo, retribuindo ingratamente o seu benfeitor com afrontas e impropérios, que hoje sôbre êle próprio recaem”. — Francisco Adolfo de Varnhagen (Visconde de Pôrto Seguro) — **História Geral do Brasil**, tomo V, 4a. ed. (São Paulo, 1953), pág. 217. — Pretendeu Beauchamp reeditar sua **História**, dedicando-a a D. Pedro I. Nesse sentido escreveu ao Imperador uma carta, sem data, pedindo que uma comissão de sábios brasileiros redigisse observações críticas sôbre a 1a. edição, enviando-lhe prontamente o Ministério dos Negócios Estrangeiros documentos históricos relativos ao período desde a chegada da Família Real ao Brasil até ao momento em que escrevia. (Cf. doc. 510, maço 10, do Catálogo B, de Manuscritos sem Data, do Arquivo da Família Imperial do Brasil, hoje no Museu Imperial, de Petrópolis).
- (21). — **L'Independance de l'Empire du Brésil présentée aux Monarques Européens** (Paris, 1824). Cairú traduziu e comentou trechos dessa obra em três opúsculos numerados e datados, também de 1824 — **Independência do Brasil apresentada aos Monarcas Europeus por Mr. Beauchamp**. Foi analisada em nossa **Contribuição à História da Imprensa Brasileira** (1812-1869), (Rio de Janeiro, 1945), no capítulo “O Visconde de Cairú — Jornalista e Panfletário (1821-1835)”, págs. 427-429.
- (22). — M. V. Angliviel La Beaumelle — **De L'Empire du Brésil considéré sous ses rapports politiques et commerciaux** (Paris, 1823). A tradução brasileira, do ano seguinte, do Padre Perereca, tem o título: **O Império Brasileiro considerado nas suas relações políticas e comerciais, por La Beaumelle**. “Novamente correto e adicionado pelo seu autor e traduzido por um brasileiro”.

peus! Dizei o que devia fazer D. Pedro! Devia regressar a Portugal, e render-se à discrição dos Conselheiros de Seu Pai? Se a tal se resolvesse, teríeis dezenove Repúblicas, e dezenove **Bolivars** de mais no Hemisfério da América!”

Mr. **La Beaumelle** fez em miniatura a Crônica do Brasil até a dissolução da Assembléia do Rio de Janeiro, tocando de corrida os sucessos; porém é mais um Discurso Apologético do Estabelecimento do Império, do que um Compêndio Histórico dos mais notáveis períodos; e bem que reconheça o Caráter Heróico do nosso Imperador, contudo atribui a Nova Ordem às causas ordinárias da desmembração dos Estados, e à fôrça das coisas; assim eclipsando o esplendor do Heroísmo do Fundador do Império: naquilo louvo, nisto não louvo (23).

E’ digna de tóda a atenção a Obra da Senhora Inglesa **Maria Graham** (sobrinha do famoso Bispo **Burnet**, Autor da **História Eclesiástica da Igreja Anglicana**), que tem o título de **Diário da Viagem ao Brasil**, que se publicou em Londres, em 1824.

Ela se declara testemunha de vista dos principais sucessos do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, de 1821 em diante. Naquela Obra toca, com circunspeção e delicadeza, pontos melindrosos de Alta Política; e ali incorporou vários Diplomas capitais relativos à Independência do Império do Brasil, bem caracterizando a arrogância do Govêrno de Portugal, que tentou oprimir a Terra de Santa Cruz, considerando os seus Habitantes (segundo diz) como os de um **Estabelecimento na Costa d’África** (24).

Depois do Estabelecimento da Côrte do Rio de Janeiro, apareceram várias Obras Inglesas de residentes ou Viajantes no Brasil, que fizeram descrições sôbre coisas desta Região; porém se restringiram particularmente aos negócios comerciais. Distinguem-se a de **João Mawe**, e de **Henrique Koster**. Aquêles viajante penetrou até o Distrito Diamantino do Sérro Frio, com permissão do Govêrno. Êle publicou na Côrte de Londres em 1812 a sua Obra, que dedicou ao Senhor D. João VI, então Príncipe Regente (25). O outro viajante,

- (23). — Por esta e outras manifestações de sua sincera admiração por D. Pedro I (como antes por D. João IV), já tem sido Cairú injustamente apontado como áulico e bajulador.
- (24). — Já no primeiro de seus fascículos sôbre a **Independência do Império do Brasil** apresentada aos Monarcas Europeus, de 20 de setembro de 1824, comentou Cairú o aparecimento do *Journal of a Voyage to Brazil*, de **Maria Graham**, de que traduziu e transcreveu vários trechos. Sômente em 1956 saiu em São Paulo êsse **Diário de uma Viagem ao Brasil** e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823, excelentemente traduzido e anotado pelo Professor Américo Jacobina Lacombe.
- (25). — **John Mawe** — *Travels in the Interior of Brazil, particularly in the Gold and Diamond Districts of that Country... including a Voyage to the Rio de la Plata, and a historical sketch of the Revolution of Buenos Aires* (Londres, 1812). A parte relativa a Minas Gerais foi traduzida por **Dermeval Lessa** para a **Coletânea de Cientistas Estrangeiros (Assuntos Mineiros)**, organizada por **Rodolfo Jacob** (Belo Horizonte, 1922). A tradução integral, sob o título **Viagens ao Interior do Brasil**, particularmente aos **Distritos do Ouro e dos Diamantes**, por **Solena Benevides Viana**, com Introdução e notas de **Clado Ribeiro de Lessa**, apareceu no Rio de Janeiro, 1944.

Henrique Koster, examinou as Províncias de Pernambuco e Ceará, e ali também deu à luz a sua Obra com o título de **Jornada no Brasil** (26).

Em 1817 se imprimiu na Alemanha no idioma do País a Obra do Príncipe da Prússia **Maximiliano Wied Newvid** (sic), (de que foram subscritores Grandes Príncipes e Cidades do Império Germanico), que compreende a viagem que fêz do Rio de Janeiro até o **Rio Doce**, em que faz judiciosas observações sôbre o progresso da civilização do Brasil; sendo porém o principal designio do Ilustre Viajante a investigação de Objetos de História Natural, trazendo para isso em sua companhia dois Naturalistas de seu País, um dos quais atualmente é Pensionário da Côrte Brasileira, Mr. **Selous** (27), que se acha em viagem ao Uruguai, para fazer coleção de produtos destinados ao Museu Imperial desta Côrte (28). E' notável sua seguinte reflexão: "A transmigração do Soberano, e da Sua Côrte, não podia deixar de ter grande e benéfica influência neste País. O opressivo Sistema de misteriosa exclusão foi abolido: a confidência substituiu o lugar da tímida desconfiança; e permitiu-se a Viajantes Estrangeiros acesso a êste Campo de novas descobertas. Até agora a Natureza tem feito mais no Brasil do que o Homem: contudo, desde a vinda d'El-Rei, muito se tem feito para vantagem do País.

"O Rio de Janeiro particularmente (onde se vê cena de vida e energia) tem recebido vários melhoramentos; e entre êstes, devo noticiar as muitas regulações para se promover mais ativo comércio. "Aí há já tantos Artistas de tôdas as classes, vindos de todos os Países, que em poucos anos não haverá falta de coisa alguma que pertença aos cômodos e prazeres da vida" (29).

O original Alemão se vê na Livraria Nacional desta Côrte (30) com Estampas iluminadas; sendo maravilhosa a primeira, em que descreve, em esplêndida perspectiva, o Sol raiando em seu Nascimento sôbre o pôrto desta Capital (31). Esta Obra já foi traduzida em Inglês e Francês; e no Jornal Literário da França intitulado — **Revista Enciclopédica** — é mui louvada, especialmente por se ter descrito o **luxo da Vegetação do País**, que (diz) excede a **tudo quanto**

-
- (26). — Henry Koster — *Travels in Brazil* (Londres, 1816). Tradução brasileira, anotada, de Luís da Câmara Cascudo — *Viagens ao Nordeste do Brasil* (São Paulo, 1942).
- (27). — Friederich Sellow, botânico alemão, em 1815 admitido como pensionário do Brasil, com pensão melhorada em 1821. Morreu afogado no rio Mucuri.
- (28). — *Ueber das südliche Ende des Gebirgszuges von Brasilien in der Provinz S. Pedro do Sul und der Banda Oriental oder dem Staate von Monte Video; nach den Sammlungen des Herrn Fr. Sellow. Von Hern Weiss* (1827-1828). N.º 12.017 do Catálogo da Exposição de História do Brasil, cit.
- (29). — Maximilian, Prinz zu Wied-Neuwied — *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*, 2 vols. e 1 Atlas (Frankforte-sôbre-o-Meno, 1820). Tradução brasileira de Edgar Sussekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo, refundida e anotada por Olivério Pinto (São Paulo, 1940). Alguns dos trechos citados constam da "Introdução" do livro.
- (30). — A atual Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que Cairú mais adiante chama "Livraria Pública desta Côrte".
- (31). — Gravada por Schnell, de Darmstadt.

a imaginação dos Europeus pode criar de mais rico. — Isso se confirma pela Obra posterior do insigne Naturalista Francês Mr. **S. Hilaire**, que viajou a Província do Rio de Janeiro, o qual afirmou exceder a êsse respeito as Províncias do Sul, em que andou até Paranaguá, podendo-se nêle formar a melhor Flora do Mundo (32).

Quando me veio à mão a **História** de **Southey**, tão recomendável pela circunstanciada exposição dos fatos, liberalidade de sentimentos e profunda erudição, tendo justo titulo à confidência pelas Cotas, Notas e Ilustrações, (muitas das quais achei exatas, conferindo com antigas Fontes conhecidas, e que se acham na Livraria Pública desta Côrte), bem que o mesmo Escriitor não deu uma lista preliminar a exemplo de **Robertson**, na **História da América**; intentei fazer um **Resumo**. Para isso preparei alguns Extratos, contando com o ajutório do meu irmão Baltazar da Silva Lisboa (ora Conselheiro da Fazenda) que havia já arranjado os seus **Anais do Rio de Janeiro**, e da **Comarca dos Ilhéus**, onde fôra Magistrado por muitos anos, havendo por isso tido a oportunidade de examinar Cartórios das Câmaras e outros Arquivos (33).

Mas desisti do propósito, quando li o anúncio do Redator do **Correio Brasiliense**, natural da Província do Rio Grande (34), que escrevia em Londres, declarando a tenção de dar à luz uma **História do Brasil**; reconhecendo eu não poder competir, em talentos e meios, com quem se animava a tal emprêsa na Sede das Artes e Ciências da Europa (35). Contentei-me portanto de ir coligindo materiais para, algum dia, mão hábil de judicioso Conterrâneo, compor no Solo Nativo a **História Luso-Brasílica**. Entretanto compilei documentos em duas **Memórias**, que dei à luz em 1816 sôbre a **Vida de Lord Wellington (sic)** (tão ligada com os Negócios do Brasil pela invasão dos Franceses em Portugal) (36), e em 1818 sôbre os **Benefícios Políticos**

- (32). — Ao tempo em que escrevia Cairú, ainda se não havia publicado, sôbre as viagens de Saint-Hilaire ao Brasil senão o *Rapport sur le voyage de M. Auguste de Saint-Hilaire dans le Brésil et les Missions du Paraguay*, lu à l'Institut de France, Academie Royale des Sciences (Paris, 1823), 8 p. Assinado por cinco membros da Academia, figura em anexo a *Viagem à Província de São Paulo e Resumo das viagens ao Brasil, Província Cispatina e Missões do Paraguai*, em tradução de Rubens Borba de Moraes (São Paulo, 1940), págs. 355-362). E um *Aperçu* e uma *Notice sommaire* dessas mesmas viagens, igualmente em 1823. No ano seguinte começaram a aparecer seus trabalhos sôbre nossa botânica. A referência a Saint-Hilaire saiu publicada em nota à pág. 8 da *Introdução à História dos Principais Sucessos Políticos do Império do Brasil*.
- (33). — Baltazar da Silva Lisboa — *Anais do Rio de Janeiro*, contendo a conquista e a descoberta d'êste país, a fundação da Cidade, com a *História Civil e Ecclesiástica*, até a chegada d'El-Rei D. João VI, 7 vols. (Rio de Janeiro, 1834-1835). *Memória sôbre a Comarca de São Jorge dos Ilhéus*, n.º 519 do Catálogo da Exposição de *História do Brasil*, cit.
- (34). — Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça nasceu na Colônia do Sacramento, não na então capitania do Rio Grande de São Pedro.
- (35). — "Hipólito começou a escrever uma *História do Brasil*, de cujos originaes não há notícias. Anunciou-a em setembro de 1816". — Carlos Rizzini — *Hipólito da Costa e o "Correio Braziliense"* (São Paulo, 1957), pág. 16, nota 2.
- (36). — *Memória da Vida Pública do Lorde Wellington, Príncipe de Waterloo, Duque da Vitória, Duque de Wellington, Duque de Ciudad Rodrigo, Marechal General dos Exércitos de Portugal contra a Invasão Francesa*,

de S. M. F. o Senhor D. João VI, desde a época de sua Regência no Reino, começada pela incurável **teofobia** (37) de Sua Augusta Mãe, até os Desposórios do nosso atual Imperador com a Sereníssima Senhora Arquiduquesa da Áustria (38); oferecendo por apêndice uma **Sinopse da Legislação** respectiva (39).

Como porém S. M. I. presentemente se dignou Honrar-me em Seu Juízo, Dando de Próprio-Motu, Ordem ao Ministro dos Negócios do Império, de encarregar-me a **História dos Sucessos do Brasil**, a fim de perpetuar a sua memória, principalmente dos que sobrevieram depois do memorável dia 26 de fevereiro de 1821, em que aquêlê Augusto Senhor, com Heroicidade e Prudência, soube dirigir o irregular Movimento da Tropa, para não exorbitar em excêntrica e desordenada aclamação do Sistema Constitucional, que então era reclamado pelo espirito do Século e Voto Comum (cuja Ordem Imperial se publicou em Portaria de 7 de Janeiro do corrente ano de 1825, no **Diário Fluminense** de 12 do mesmo mês) (40); não obstante ser esta Comissão honorífica tão desproporcionada às minhas faculdades e forças, por obediência me resignei a receber tão pesado Cargo na avançada idade em que me acho (41); não podendo ora dizer com

Feld-Marechal dos Exércitos de Sua Majestade Britânica, Grão-Cruz da Ordem da Tôrre e Espada. Além de duas partes, publicadas em 1815, saiu no mesmo ano o Apêndice à Memória da Vida de Lorde Wellington, contendo Documentos e observações sôbre a Guerra Peninsular, Invasão da França, Paz da Europa.

- (37). — Nota de José da Silva Lisboa: Pavor de Deus é o significado dêste termo. Tal foi o nome com que o Doutor de Medicina Wills, mandado por El-Rei de Inglaterra Jorge III, qualificou a mania da Rainha, cuja fantasia se turbou com terrores religiosos pelo seu confessor fanático, como era fama pública.
- (38). — Memória dos Benefícios Políticos do Gôverno de El-Rei Nosso Senhor D. João VI (Rio de Janeiro, 1818).
- (39). — Sinopse da Legislação Principal do Senhor D. João VI pela ordem dos Ramos da Economia do Estado (Rio, 1818). Reeditada em um só volume, com o anterior, pelo Arquivo Nacional (Rio, 1940).
- (40). — E' o seguinte o texto da referida Portaria: "Desejando Sua Majestade o Imperador perpetuar a memória dos sucessos do Brasil, principalmente desde o memorável dia 26 de fevereiro de 1821: e Reconhecendo que serão dignamente transmitidos à posteridade pela História, se desta se encarregar o Conselheiro José da Silva Lisboa, por nêlê concorrerem com distintos talentos e copiosas luzes tôdas as qualidades que constituem um verdadeiro Historiador: Hei por bem incumbi-lo de escrever a referida História; servindo-lhe de seguros guias os verídicos documentos extraídos de todos os Arquivos da Nação, que para êsse fim lhe serão remetidos pela Secretaria de Estado dos Negócios do Império, à medida que fôrem chegando das diferentes Autoridades, a que são pedidos sem demora; e sendo ajudado nessa laboriosa tarefa por Frei Francisco de Sampaio, cuja esclarecida erudição e superior engenho contribuirão para o feliz complemento de tão importante trabalho. O que mando, pela sobredita Secretaria de Estado, participar ao mesmo Conselheiro, para que assim se execute esta Imperial Determinação. Palácio do Rio de Janeiro em 7 de janeiro de 1825. — Estêvão Ribeiro de Resende. — Na mesma conformidade e data se expediu Portaria a Frei Francisco de Sampaio".
- (41). — Tendo nascido em 1756, tinha Cairú, em 1825, 69 anos de idade.

Tácito, o Grande Pintor de Homens, e Sucessos do Império Romano: “resgardei para a velhice Obra de maior segurança” (42).

Entrei neste trabalho tendo em vista a seguinte advertência, que faz o nosso Escritor Paulista, Fr. Gaspar da Madre de Deus, Monge Beneditino, na sua Obra — **Memórias para a História da Capitania de São Vicente**, que em 1797 foi impressa à custa da Real Academia das Ciências de Lisboa; êle assim diz na pág. 95: — “se as minhas **conjecturas** não agradarem a quem escrever a História destas Capitânicas, despreze absolutamente as notícias de **Charlevoix** (43); e eu me constituo fiador de que nunca há de ser convencido; e na pág. 162: “Julgo necessário a quem escrever a História desta Capitania, que não se fie no Autor da **América Portuguesa**, o qual muitas vêzes claudica, em saindo fora de sua Pátria” (44).

A **Corografia Brasilica**, publicada no Rio de Janeiro em 1817 pelo seu egrégio Autor, natural de Portugal, o Pe. Manuel Aires de Casal, é digna do maior apêço, e serviu-me de Farol na carreira dêste trabalho. Mas tendo sido o seu objeto a Descrição das dezenove Províncias do Brasil (45), fixando a época do Original Estabelecimento de cada uma; nessa parte me desviei do seu método, adotando a ordem cronológica dos principais sucessos políticos e econômicos; conformando-me ao exemplo dos que escreveram seguido Corpo de História de algum País, e tendo eu por Padrão a **David Hume**, Clássico Escritor da **História de Inglaterra** só até a Revolução que elevou ao Trono do, ora Reino Unido, da Grã-Bretanha e Irlanda, a Reinante

(42). — Nota de José da Silva Lisboa: *Securiorem senectuti materum seposui* — Vit. Agric. — Estava trabalhando na revisão das Partes inéditas dos meus Estudos do Bem-Comum, cuja publicação se interrompeu com a convulsão do Brasil depois da Revolução de Portugal.

— A essa nota do Visconde de Cairú acrescenta-se que, tendo sido os três tomos de seus Estudos do Bem-Comum e Economia Política, ou Ciência das Leis Naturais e Cívicas de Animar e Dirigir a Riqueza Nacional e Prosperidade do Estado publicados em 1819-1820, depois dêste último ano, que foi o da revolução constitucionalista do Pôrto, começou sua fase de jornalista e panfletário, de 1821 a 1835, que estudamos em longo capítulo de nossa cit. Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812-1869), às págs. 359-446.

(43). — Referia-se Frei Gaspar à *Histoire du Paraguay*, de Pierre François Xavier Charlevoix (Paris, 1756).

(44). — Referia-se à História da América Portuguesa, de Sebastião da Rocha Pita (Lisboa, 1730), cuja “Pátria”, mencionada na restrição do beneditino paulista, era a Bahia.

(45). — As “dezenove Províncias do Brasil” estudadas pelo padre Aires do Casal em sua *Corografia*, foram, realmente, vinte, com as seguintes singularidades: Entre elas incluiu uma que não existia politicamente, a do Paraná, que limitava pelos rios dêsse nome, Paraguai e Uruguai, tendo ao norte Mato Grosso; também incluiu a província do Uruguai, referente aos Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, a oeste do Rio Grande do Sul “ou de São Pedro”; incluiu Pôrto Seguro, aliás desde 1759 já extinta como capitania hereditária; excluiu Alagoas; e, como apêndice do Pará, tratava do Solimões (que não correspondia à existente São José do Rio Negro, depois Amazonas), e da Guiana, com o antigo Cabo do Norte, hoje Amapá, e a Guiana Francesa, ao tempo em que escrevia o autor ainda ocupada pelos luso-brasileiros.

Casa de Hanover, cuja continuação por **Smollet**, e **Akin**, se fêz com igual método (46).

As **Memórias Históricas do Rio de Janeiro e das Províncias anexas**, fazem honra ao espírito patriótico e empenho literário de seu erudito Autor, Monsenhor José de Souza Pizarro e Araujo: êle as tem sucessivamente dado à luz em nove tomos desde 1820 (47). Ainda que particularize no 1.º vol. os Sucessos do Brasil sôbre os Estabelecimentos civis até a invasão do Rio de Janeiro por Mr. de **Trouin** no princípio do Século XVIII, e toque incidentalmente em outros sucessos de semelhante natureza; contudo o seu principal objeto foi o fazer a **História Eclesiástica Brasileira**, que desempenhou com grande diligência e autenticando quase tudo do modo satisfatório. Não me devo pois intrometer nas particularidades desta repartição, porque seria **fazer o feito**.

Êste incansável literato diz no vol. 1.º, em a nota 8a. da pág. 103: “Como não tenho por objeto principal a Análise da História para firmar as épocas dos Exploradores do Mundo Novo, contentando-me apenas em dar as noticias mais precisas dos descobrimentos do Brasil, fica por isso reservado êsse artigo ao exame de nôvo Historiador”.

Não me desorientei nessa pesquisa, de efeito impossível quanto às antigas épocas, sôbre que tanto se tem contravertido por Escritores Nacionais e Estrangeiros. Não sou competente a compor tantas lides. Não podendo entrar em dúvida os fatos capitais da História do Brasil, isto nos basta. Tomei a lição do sobredito **Hume**, o qual principia a **História de Inglaterra** assim refletindo: “A Curiosidade de tôdas as Nações civilizadas em inquirirem as aventuras e proezas de seus antepassados, excita o pesar de ser a História de séculos remotos tão envolvida em escuridade, incerteza e contradição. Homens de engenho, quando têm descanço, se empenham em levar as suas indagações além do período em que se formaram, ou preservaram Monumentos Literários; sem advertirem que a História dos sucessos passados é imediatamente perdida, ou desfigurada, quando se confia à memória, ou à tradição vocal, de Nações menos cultas, etc...”.

Fiel observador da Ordem Imperial, limitar-me-ei aos sucessos do Brasil, que mais decisivamente influíram na sua civilização, e na Estabilidade e Independência do Império, únicos dignos de se **perpetuar a sua memória**.

Nisso mesmo guardarei mediania, e até economia na verdade, que às vêzes é absolutamente necessária. Desvelar-me-ei em substanciar o mais importante ao Bem Comum, prescindindo de conjecturas e circunstâncias miúdas, ou incertas, e não menos de digres-

(46). — Curiosa é essa declaração de Cairú, de ter tido como modelo para sua **História dos Principais Sucessos Políticos do Império do Brasil**, a **História da Inglaterra**, de Davi Hume. Infelizmente, dela só escreveu, além desta “Introdução” que teve duas versões, conforme estamos demonstrando, a parte I, referente ao Descobrimto do Brasil, e a valiosa parte X, relativa à Independência, de que foi testemunha e participante.

(47). — Allás em dez tomos, por ser o VIII dividido em duas partes. Publicados no Rio de Janeiro, de 1820 a 1822.

sões tediosas, com que vários Historiadores têm sobrecarregado as suas narrações, e com frívolos ornatos de flôres retóricas, que mais servem de escurecer, que de esclarecer os quadros. Cumpre à fé incorrupta expor a verdade pura, para ter a História o Caráter de **Mestra da Vida** (48).

Isto ainda mais é necessário na explanação das Coisas de um País a tantos respeitos **Nôvo**, que, lenta e difficilmente se tem ido alongando da primordial rudeza do estado selvagem, onde quase tudo é uniforme, e pouco instrutivo; exceto nas maravilhas da Criação, cujo desenho não entra no Plano do presente trabalho, e que sobreexcede minha Comissão e esfera.

Em conformidade da dita ordem, principalmente me esmerarei na exposição do período fervente, que ali me foi marcado olhando como **Estrêla Polar** a Intenção do nosso Defensor Perpétuo, que Determinou se me remetessem, para servirem de **seguros guias**, os verídicos Documentos, extraídos de todos os Arquivos da Nação. Tive também à vista os Diários Officiaes das Côrtes de Lisboa, e da Assembléa do Rio de Janeiro, seguindo o exemplo de **Tácito**, que, para a composição de seus **Anais do Império Romano**, diz ter consultado os **Commentários do Senado** (49).

Esta é a parte mais árdua do Offício a que me submeti, e que me expõe à execrável censura que se tem feito aos que se arriscam a escrever a História dos Sucessos contemporâneos, que jamais se considera imparcial, e só composta com recentes ódios, por influxo do Poder estabelecido e contemplação de partidos, sem se cuidar na posteridade (50).

Assaz farei se narrar fielmente. Confiando na indulgência Nacional e Equidade dos Juizes competentes, fico na certeza de que, segundo diz **Burke**, “a sabedoria não é o mais severo censor da ignorância; e que só as loucuras rivais não dão vênua aos escritores, fazendo-se os antagonistas mútua e implacável guerra”.

Ainda que o dever obrigue a dar também as razões justificativas de certos atos de aparência anômala, sôbre que tem havido discordância de opiniões aquém e d'além mar, e ainda nos Gabinetes da Europa, não seguirei às cegas os conceitos alheios, estando firme na regra do Moralista Latino: “Nunca tirei a liberdade aos outros, e menos a minha”.

Sôbre o Drama Político, que o Regedor da Sociedade e Dispensador dos Impérios, está fazendo passar ante os olhos assombrados dos Povos e Governos, desde já manifesto o meu humilde entender; e é, que bem se pode, em pia crença, aplicar em mais vasta extensão ao Império do Brasil, o que o acima dito **Robertson**, na **História da América** disse no Livro I, pág. 55: “Chegou o período em que a Pro-

(48). — Foi pena que na elaboração de sua **História dos Principaes Sucessos** não tivesse **Cairú** rigorosamente seguido esse programa.

(49). — Realmente, para a **História da Independência do Brasil** constitui o **Livro de Cairú** a maior fonte de documentos, a que têm recorrido todos os que depois d'ele trataram d'esse importante período de transição da vida nacional.

(50). — Também tinha razão o velho historiógrafo, ao assinalar as difficuldades que atingem os que escrevem sôbre acontecimentos contemporâneos.

vidência decretou que os Homens passassem os Limites dentro dos quais haviam por tanto tempo sido encerrados e abrir-se mais vasto campo em que se desenvolvessem seus talentos com heróica empresa e coragem. Os primeiros consideráveis esforços para este fim, não foram feitos por alguns dos mais poderosos Estados da Europa, e nem ainda por aquêles que se haviam aplicado à navegação com o maior afinho e bom successo. **A glória de abrir a estrada nesta Nova Carreira estava reservada a Portugal, um dos mais pequenos e menos poderosos Estados da Europa.** As tentativas dos Portuguezes em adquirirem os conhecimentos nas quatro partes do Globo, de que o Gênero Humano até êsse tempo não era informado, não só melhoraram e estenderam a Arte da Navegação, mas também excitaram tal espirito de curiosidade e empresa, que os conduziu à descoberta do Novo Mundo” (51).

Parece que ora também se pode dizer, que a glória de abrir Nova Carreira de Liberal Governó estava reservada ao Brasil com a Declaração de sua Independência e Império Constitucional do Legítimo Primogênito da Casa de Bragança, que susteve, com auxilio de **Mão Invisível**, a queda da Monarquia Lusitana, convulsa nos seus Fundamentos pelo Terremoto Político de 24 de Agosto de 1820 (sic). (52), de maior estrago que o do Terremoto de Lisboa de 1.º de Novembro de 1755, no Successo da explosão das minas revolucionárias dos Cabalistas Democráticos, que intentaram pôr materiais combustíveis aos quatro cantos do Unido Reino de Portugal, Brasil e Algarves, a fim de estabelecerem, contra as leis da Natureza, (que nada faz de salto) e contra as experiências dos séculos, que tem mostrado os horrores das Anarquias e Guerras civis, fantástica Organização Constitucional do Estado, que acabava de sofrer catástrofe pela Tirania do Arqui-Revolucionista Invasor de Portugal, que, em fim de 1807 fêz o despótico Decreto: **“A Casa de Bragança cessou de reinar”** (53).

Sendó regra até das Divinas Letras que no corpo fisico a Cabeça não pode dizer aos membros — eu de ti não careço — é também glória do Príncipe do Brasil, a quem Seu Augusto Pai, no regresso a Portugal, confiou o govêrno da Terra de Santa Cruz, achar cooperação para a Grande Obra, no firme Caráter, altivo espirito e grato coração da imensa maioridade (54) dos Brasileiros proprietários e de boa educação, que se elevaram à altura competente da Crise da Pátria.

O Mundo já nos terá nesta conta, especialmente pela justiça que fêz aos Brasileiros o referido **Southey**, na sua **História do Brasil**; peço licença ao Público para aqui transcrever as seguintes passa-

- (51). — A citação de Robertson, em exaltação a Portugal, teria especial significação na época em que escrevia Cairú, quando o Brasil ainda se encontrava em guerra contra a Mãe-Pátria, pois isso redigla antes da assinatura do Tratado de Reconhecimento da Independência, de 29 de agosto de 1825.
- (52). — Refere-se à revolta constitucionalista nessa data rompida na cidade do Pôrto.
- (53). — Refere-se a Napoleão e ao famoso artigo publicado no jornal parisiense **Le Moniteur**, de 13 de novembro de 1807.
- (54). — “Maioridade” está aqui no sentido de maioria.

gens: Diz no Tomo III, cap. 37, pág. 362: “Se na verdade considerasse, quão pequena nesga de terra constitui o Reino de Portugal e o quanto esta mesma nesga é pouco povoada; e que Portugal, por superstição, ciúme e orgulho, que predomina no seu Caráter Nacional, jamais favoreceu nas suas Colônias o estabelecimento da superabundante população e indústria das outras Nações; talvez achar-se-á que os Brasileiros têm feito maior e mais rápido progresso em proporção aos seus meios, do que jamais fizeram os Colonistas dos outros Estados, que têm Colônias Ultramarinas. Com muita ignorância e falsidade se tem argüido aos habitantes do Brasil de inércia e falta de espirito. Eles se têm estabelecido ainda além do Rio Orelhana (55), e ocasionado muitas contendas com os Espanhóis relativamente aos limites respectivos; tendo por isso os mais perspicazes dêsses Vizinhos, seus receios sôbre a segurança do Perú. Eles abriram caminho até o Rio Negro, e, daí atravessando por um encadeamento de Rios e Lagos, têm feito certo o **fato** da comunicação entre os Rios Orelhana e Orenoco, penetrando com suas canoas até as **Missões Castelhanas**; cessando já tôda a dúvida a êsse respeito pelo testemunho de **Humboldt**, de cuja autoridade não há apelação” (56).

“Não obstante as injuriosas restrições, e complicadas desvantagens, com que a Literatura estava paralisada, o Brasil, em proporção ao tempo de sua descoberta e pouca população, tem produzido mais homens de Letras que a Grã-Bretanha. Raros eram os Empregados Públicos Brasileiros, que não tivessem recebido a melhor educação que a Mãe Pátria lhes podia dar. E’ maravilhoso que muitos dêles ostentaram na vida pública arder de instrução, só por amor da sabedoria. Eles bem conheciam que os escritos que fizessem, não seriam publicados durante suas vidas, e provavelmente pereceriam sem jamais virem à luz. Impossível lhes era esperar lucro de seus trabalhos literários; não podiam, nem por sonho, esperar fama presente, e mal lhes ocorreria ao espirito e expectativa de honra póstuma. Contudo esta **História do Brasil**, foi, em grande parte, feita de documentos coligidos e preservados por casualidade, de Escritores Brasileiros” (57).

“Quando a **História do Brasil** fôr continuada pelos que depois de mim vierem, note-se o mau fim do Pe. João Ribeiro (aliás bom Naturalista) que se matou pelas próprias mãos, vendo abatida a Revolução de Pernambuco de 1817, de que foi o primeiro motor” (58).

(55). — Rio Orelhana é o Amazonas, conforme preferiu traduzir Luís Joaquim de Oliveira e Castro, *História* cit., de Southey, tomo V, pág. 463.

(56). — O trecho cit., de Southey, encontra-se, com ligeiras diferenças, na tradução brasileira, cit., tomo V, págs. 462-463, inclusive o primeiro período da nota 1. Acrescente-se que, em 1810, no *Journal de l'École Polytechnique de Paris*, vol. 4, págs. 65-68, publicou Alexandre de Humboldt uma “Note sur la communication qui existe entre l'Orénoque et la rivière des Amazones”.

(57). — Southey, *op. cit.*, vol. III, cap. XLIV, págs. 830-831; na tradução brasileira, tomo VI, págs. 481-482, com ligeiras diferenças na tradução.

(58). — Southey, *op. cit.*, vol. III, cap. XLIV, pág. 797, nota 27. Na tradução brasileira, tomo VI, pág. 441, não foi incluída esta nota.

“Já se foi a idade dos **Poderosos**. As pessoas que têm adquirido poder em consequência de suas grandes propriedades, achando-se em situações do Brasil favoráveis às exportações de seus produtos, e estando assim mais ao ôlho e alcance do Govêrno, e portanto influidos pelo espírito dos tempos, em lugar de serem perturbadores da Ordem Pública e obstarem ao progresso da Indústria e opulência do País, serão antes os maiores promotores da sua civilização” (59).

Os infaustos sucessos de 1824, que reproduziram em o Norte do Brasil as nefandas cenas das infatuações de Pernambuco, onde ficaram as sementes das péssimas doutrinas do mencionado Eclesiástico **suicida**, foram com um sôpro dissipadas pela força terrestre e marítima que lhes mandou o Fundador do Império (60).

Concluirei com o dito **Southey** no fim da sua **História**: “Os Brasileiros têm por sua Herança uma das mais belas Porções da Terra. Sublimes e gloriosos Prospectos estão ante os seus olhos, se escaparem da praga da Revolução, que destruiria a felicidade de tôda a geração existente, acarretando a Anarquia e Guerra Civil; as quais rematariam por dividir o País em grande número de pequenos e inimigos Estados: então decorreriam séculos de carnificina e miséria, antes de poderem restaurar-se do estado de barbaridade em que seriam abismados. Na verdade, será cego o Govêrno se não prosseguir em generoso Sistema de Política, pelo qual unicamente se pode prevenir tal praga. Deus, na sua Misericórdia, conceda aos Brasileiros o estabelecer entre si a verdadeira ordem, liberdade, ciência e piedade, a fim de florescerem por todos os séculos” (61).

HÉLIO VIANNA

Professor catedrático de História do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

-
- (59). — Southey, op. cit., vol. III, cap. XLIV, pág. 779; na tradução brasileira, tomo VI, pág. 418, depois do episódio da prisão de elemento da família dos Feitosas no Ceará, em 1805, fantasiosamente narrado por Koster, segundo o Barão de Studart.
- (60). — Este período sobre a revolução de 1824 apareceu como nota 14, na publicação desta Introdução, em seguida ao texto relativo ao “mau fim” do padre João Ribeiro na revolução de 1817.
- (61). — Este trecho, que consta do penúltimo período do vol. III, cap. XLIV, págs. 878-879, da História de Southey, apareceu um tanto diferente na tradução brasileira, mas com o mesmo sentido, no tomo VI, pág. 539. Sua última frase, ligeiramente modificada, serviu de epígrafe a outro trabalho seriado de Cairú, — o Império do Equador na Terra da Santa Cruz — Voto Filantrópico de Roberto Southey — Escritor da “História do Brasil” — estudado em nossa Contribuição à História da Imprensa Brasileira, cit., págs. 387-393.